

NA TRANÇA DA CULTURA POPULAR E DA INFORMATIZADA

Maria Helena Martins
Professora do Instituto de Letras da UFRGS.

RESUMO

Reflexão sobre as culturas popular e informatizada, suas características e interseções, suas potencialidades na mediação de leituras e formação do leitor.

ABSTRACT

A focus on both the popular and computer cultures their characteristics and intersections, and also their potentialities as a mediation in reading selection and reader's formation.

Participando em projetos voltados para a formação do leitor, ultimamente tenho realizado trabalhos alternativos à academia, à escola. Aliás, entremeiam-se a elas, num percurso independente. Os dois mais recentes têm curiosa relação.

O primeiro deles consiste na colaboração ao PROLER, onde me iniciei pouco depois, como colaboradora. Trata-se do Programa Nacional de Incentivo à Leitura - PROLER- da Fundação Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Ele reúne além de Profissionais de várias áreas professores de várias disciplinas curriculares, antropólogos, diretores de teatro, cinema e vídeo, folcloristas, bibliotecários, músicos, animadores culturais. Esses profissionais

reunem-se para realizar Encontros, por quase todos os Estados brasileiros, com público também muito diversificado, de analfabetos a intelectuais. Em Oficinas, Mesas-redondas e Círculos de Leitura discutem-se, trocam-se idéias e práticas de leitura, muitas delas inusitadas no âmbito letrado, pois valorizam expressões não-verbais, nascem e se desenvolvem no seio dos saberes e fazeres locais, distantes da interferência metropolitana e acadêmica.¹ Nesse convívio, a informalidade e o respeito pelas contribuições de todos fortaleceram em mim a desmistificação da leitura e o reconhecimento de leitores insuspeitados nos rincões do país.

O outro trabalho consiste na consultoria para o Módulo Literatura Brasileira no Banco de Dados Culturais/informatizado do Instituto Cultural Itaú - ICI, em São Paulo.² Esse trabalho de *informática literária* compreende a seleção de autores e obras, pesquisa bio-bibliográfica, análise de textos (de clássicos a literatura infantil, cordel, canção popular) e críticas, dados esses são organizados por uma equipe de pesquisadores e consultores, posteriormente-transpostos para configuração e suporte informatizados, possibilitando para *leitura digitalizada*, acessível a escolares, profissionais da área, público em geral, através dos equipamentos eletrônicos do Instituto. A implantação e realimentação desse Banco de Dados. Isso tem exigido esforço de consistência e síntese, dinâmica no trato da palavra escrita de modo não convencional, desafiando qualquer estudioso da literatura. Quanto ao leitor, pode em poucos minutos *passar* por uma quantidade de informação à qual ele não teria acesso por intermédio da usual consulta de textos, além de *cruzar* dados e construir seus caminhos para o conhecimento.

A princípio, as atividades no PROLER e no ICI pareciam díspares, embora com objetivos semelhantes. Aos poucos fui percebendo afinidades, como o fato de sacudirem a murada das letras, identificando leitores e espalhando leituras em circunstâncias bem diferentes das costumeiras. Tal constatação foi apontando dois campos - o da cultura popular e o da cultura informatizada - que insolitamente volta e meia se cruzam. Esses campos de expressão e comunicação a priori são considerados contraditórios/conflictantes, cada um

por seu turno provocando intermináveis discussões conceituais, ideológicas, funcionais, emulsionando preferências e rejeições. Entretanto, apesar de individualmente cercadas de ênfase retórica, tanto a cultura popular como a informatizada, que eu sabia, de fato ainda não suscitaram reflexões acerca do entrecruzamento das linguagens que englobam de suas inter-relações e implicações nas circunstâncias pessoais de leitura e sua repercussão social, na produção e proveito cultural. em suma, na formação do leitor contemporâneo.

Numa sociedade repleta de contrastes como a brasileira, inundada por imagens e sons, invadida pela eletrônica e majoritariamente composta por analfabetos e iletrados, impõe-se o reconhecimento e acolhida de leituras que não apenas a da palavra grafada. Daí a importância de educadores e mediadores de leitura refletirem a respeito. Assim procedendo poder-se-ia talvez dar um passo para a desmarginalização de analfabetos, levando à criação de condições favoráveis para conquistarem a própria escrita, juntamente com a consciência de sua cidadania. Esse seria um caminho “louco e longo”, para lembrar Guimarães Rosa, porém o “encurtoso” dos programas de alfabetização de adultos, por exemplo, tem-se mostrado até agora ineficiente.³ Acho que vale o risco. Pelo menos para quem *realmente* entenda a leitura como processo de atribuição de significados a múltiplas linguagens além da palavra escrita.

A cultura popular tem na oralidade e na visualidade elementos preponderantes para sua criação e fruição. A cultura informatizada integra essas e outras linguagens, como nos meios de comunicação de massa, com o auxílio do computador. Ambas se enraízam no imaginário, semente e fruto do conhecimento, alimentando os leitores

Sabe-se que a vivência cotidiana incorpora, às vezes mais intuitiva que intelectualmente, manifestações desses dois campos, com diferentes finalidades pragmáticas e/ou estéticas. Em que medida, a consciência sistematizada dessa realidade, por parte de educadores e mediadores de leitura em geral, contribuiria para a formação de leitores efetivos de quaisquer linguagens, em especial, de textos impressos?

Tal questão leva também a pensar na proposta de Roger Chartier para se reavaliarem as distinções entre cultura letrada e popular, de se dar atenção para as interpenetrações, as manifestações “mistas”. Elas revelam a importância, na investigação sobre leitores e leituras num contexto nacional, de verificar “como, nas práticas, nas representações ou nas produções, se cruzam e se imbricam diferentes formas culturais”, constituindo “ligas” cujos elementos “se encontram solidamente incorporados uns aos outros”.⁴

CULTURA POPULAR: O ÓBVIO REVISITADO

A cultura popular emerge e se espraia nos espaços mais penalizados da sociedade brasileira. Sua natureza, especialmente marcada pelo sensorial e emocional, revela a miséria da fome, da violência, da falta de perspectivas de vida, mas, ironicamente, ao tom amargo e realista com frequência se interpõe a ingenuidade alegre e sonhadora. Tudo isso intercalado de lugar-comum, compondo uma visão de mundo não raro conservadora, porém com imaginário inesgotável. Sempre gerando, evocando, invocando, atualizando e projetando práticas, símbolos, valores. Assim, usos e costumes, lendas e mitos, fabulário e fala regionais, perpassados pelo sincretismo religioso, povoam o criar e o fruir expressos em ritos, canções, festejos, danças, encenações, culinária, medicina caseira, artesanato.

Essa combinação desconcertante espanta as mentes sofisticadas. Ademais, embora surja nas pequenas comunidades, com suas tradições menos atingidas pela transitoriedade citadina e mais distantes do universo letrado, acaba se desenvolvendo no meio do povão urbano, de “quase todos pretos” ou “quase brancos pobres como pretos”.⁵ Mesmo sendo aí mais susceptível aos modismos, muito em função dos meios de comunicação de massa com suas chamativas características camaleônicas, ainda assim, a cultura popular tradicional (eminentemente rural, provinciana) anima a memória coletiva das cidades maiores, reata fios soltos durante a trajetória de milhares de brasileiros em busca de *uma vida melhor*, tocando o cotidiano de todos nós, em todos os sentidos. E inspirando muitos poetas. Desse modo, sobrevive à indiferença ou à rejeição letrada, inclusive ironizando-a.

Nascidas na periferia da escrita e do meio urbano, paradoxalmente, as múltiplas manifestações populares e seu pleno desfrute concentram-se nas praças centrais das cidades, transformadas num grande arraial. Aí vai-se entretecendo uma rede imaginária e informativa que permeia os diferentes fazeres e saberes da população das tantas regiões do país. Seja como for, tudo isso atinge outros espaços, resiste ao passar do tempo, impregnando a alma e marcando a fisionomia dos brasileiros, à revelia do beneplácito "culto", na contramão do estabelecido.

Apesar da intensidade e extensão dessas manifestações quase totalmente ágrafas, as mais vivenciadas pela maioria da população, seus autores e leitores são levados a se submeter ao que "*está escrito*" e *convenientemente* lido, segundo o determinado pelo "mundo das letras", que quase sempre os marginaliza. Em decorrência, leituras de práticas culturais não institucionalizadas, em que predominam o visual e a oralidade, são ainda tidas e ditas como não-leituras. E resultam subestimadas até por seus próprios leitores, enquanto ignoradas por intelectuais.

Tem-se aí um quadro estigmatizante, especialmente quando se trata de crianças e jovens e sua relação com a escola pública. Até porque entre eles vem aumentando o número dos frustrados na busca do que ela promete e não consegue realizar: desde capacitação profissional e perspectiva de emprego à superação de desigualdades educacionais e sociais. Então a cultura letrada ainda está devendo muito aos que costuma dominar pela palavra escrita.

Já a indústria cultural, especialmente a veiculada pelo rádio e pela televisão comercial, está mobilizada no exercício de suas tendências homogenizantes e hegemônicas: identifica seu público, suas preferências pela linguagem de sons e de imagens, capricha no facilitário de sua comunicação. Em resposta, cresce o contingente de ouvintes e telespectadores, dentre eles, enorme contingente de analfabetos e iletrados, espalhados por todos os segmentos da sociedade. Certamente isso tem a ver com o fato dos meios de comunicação de massa colherem no universo popular elementos a serem *explorados*, num jeito distorcido de *institucionalizar* o que é marginal, pois

chegam a transformar o popular em grosseiro e grotesco (vide certos programas radiofônicos, de auditório, telenovelas, reportagens - todos "ao gosto do povão").

Enquanto isso, a cultura popular continua *intelectualmente* mais ou menos ignorada pela maioria daqueles que se julgam fora de seu alcance econômica e socialmente, em especial a amorfa classe média, ainda que essa indiferença só aconteça no âmbito das *atividades confessas*.⁶ Aliás, alguns intelectuais - como os acadêmicos - podem até se aproximar do popular por curiosidade, por "solidariedade" ou espírito investigativo. Mas esse mundo não lhes pertence, dificilmente se sentem à vontade nele ou conseguem com ele interagir. As exceções tornam mais evidentes a omissão ou o desajeito. Fica sempre "a interrogação e a perplexidade", como revela Marlise Meyer, a partir de sua genuína e incansável trajetória por tais veredas.⁷ De fato, as manifestações populares tanto são relegadas pela cultura "erudita" quanto sobrevivem à revelia dela. E a escola, os professores o que estão fazendo a respeito?

"A descoberta do Brasil em nós pela *deflagração da memória* poderia ser um passo nesse processo de reconhecimento, talvez uma ponta para uma nova forma de *ação e criação*. Processo em aberto, onde, outra vez, não há certezas, não há garantias."⁸

CULTURA INFORMATIZADA: A EXCITAÇÃO DESCONFIADA

Há mais de três décadas, Marshall McLuhan no Prefácio de seu clássico *Os Meios de Comunicação* alertava:

"na era da eletricidade, quando o nosso sistema nervoso central é tecnologicamente projetado para envolver-se na Humanidade inteira, incorporando-a em nós, temos necessariamente de envolver-nos, em profundidade, em cada uma de nossas ações. Não é mais possível adotar o papel olímpico e dissociado do literato ocidental".⁹

Essa assertiva assume hoje contornos significativos inimaginados pela grande maioria de seus leitores de então. E se reveste de dimensão filosófico-existencial que agora as ciências encarecem. Mas que ainda muitos intelectuais freqüentemente ignoram.

Ao sintetizar a cultura informatizada, a multimídia desenvolve o audiovisual pelo concurso do computador e permite a apresentação ou recuperação de informações de modo não linear.¹⁰ Aí a integração e simultaneidade do processo de criação e operação deixam mais evidentes, assim como na cultura popular, a interação de sentidos, emoções e razão na leitura. Essa cultura, por sua faceta modernizante, atrai especialmente os jovens e, num primeiro momento, parece até oposta à popular. Enquanto esta lembra com freqüência nossas condições precárias de vida, a multimídia acena com o progresso, o desenvolvimento. A *Internet* se torna símbolo da possibilidade de acesso instantâneo tanto à informação generalizada como aos meandros mais especializados - *seja lá o que e onde for*. Possibilita desde bate-papo inconseqüente, compras e dicas de programação cultural e lazer até visitas às maiores bibliotecas públicas e museus do mundo, bibliotecas acadêmicas, consulta a acervos/publicações específicos. Sem falar na troca de informações e desenvolvimento de trabalhos de pesquisa reunindo estudiosos dos quatro cantos do mundo.

Apesar de também encontrável em grande parte das atividades no contexto urbano brasileiro — em casa, no trabalho, no lazer, na criação artística —, a cultura informatizada do mesmo modo que a popular não está tendo a devida consideração, especialmente na escola. A televisão e o vídeo, embora presentes no cotidiano de parcela populacional significativa, ainda estão subaproveitados pela educação. Quanto ao computador, de manejo desconhecido pela imensa maioria, ainda é considerado equipamento *curioso*: chama a atenção, mas pouco se sabe o que fazer com ele dentro da escola. O óbvio aí também é desprezado: aprender a manejar um computador, um sistema informatizado, só terá sentido se os usuários estabelecerem relações significativas entre aquilo que o equipamento e seus *softwares podem oferecer e o que desejam com isso*.

Em suma, vale mesmo é o processo de transformação de informação em conhecimento. Daí a importância de se divulgarem projetos como o pioneiro "Escola do Futuro", da USP, envolvendo professores e estudantes desde a pré-escola à universidade.¹¹

Principalmente quando o Ministério de Educação começa a anunciar a distribuição de computadores para escolas públicas Brasil a fora, (cerca de 300.000 PCs). Para a mobilização, precisaria estar havendo efetivo preparo dos profissionais que irão utilizá-los com os alunos devendo necessariamente ser prioritária. E esse preparo desencadeará exigências de provisão de programas apropriados, projetos de acompanhamento do trabalho, previsão de recursos para manutenção dos equipamentos. Por enquanto, a realidade em escolas públicas de 1o. e 2o. graus já "informatizadas" está mostrando que poucos sabem como funciona um computador fora do restrito âmbito burocrático-administrativo, muito menos, há quem possa prover sua manutenção técnica e, menos ainda, quem tenha desenvolvido capacitação para o seu devido aproveitamento pedagógico e na formação profissional.¹² A propósito, o conhecimento de computação para colocações no mercado de trabalho brasileiro, mesmo em empregos de nível médio, está se tornando imprescindível: mais uma evidência das discrepâncias entre a escola e a nossa realidade.

Além desses obstáculos, admita-se que, no reverso da atração, as novas tecnologias trazem sempre algo de ameaça, pelo tanto de incógnita que as envolve. Principalmente para os mais velhos. Também os avanços são assimétricos, os programadores parecem estar sempre aquém dos recursos tecnológicos disponíveis. Haja vista a maioria dos *softers* com propósitos educacionais circulando no país, mesmo os importados. Trata-se de produção pouco além de "instruções programadas digitalizadas", utilizando o computador como "livro eletrônico".¹³ Nesse caso, o usuário fica preso a objetivos e conteúdos pré-estabelecidos, com poucas possibilidades ou nenhuma de criar suas próprias relações entre os dados oferecidos, de efetivamente interagir como redator e como leitor.

Pelo visto, a máxima da pedagogia clássica do “*dulce et utile*” vem norteando as propostas, mas a falta de opções lúdico-informativas conseqüentes prevalece. As obras de referência (dicionários, enciclopédias, atlas), de ensino de línguas, matemática têm tido melhor realização em CD-ROM que as voltadas para a literatura e sua apreciação. As “bibliotecas eletrônicas” tendem cada vez mais a serem organizadas considerando a plena utilização dos recursos. Com freqüência, a partir de determinados temas e subtemas, dispõem-se textos literários, críticos, técnico-científicos, mapas, glossários, fotos, vídeos, etc. Quanto aos livros de literatura, tomados individualmente, não podem ser apenas *transpostos* para a mídia eletrônica.^{14 15}

Veja-se o caso pioneiro no Brasil com *Flicts*, de Ziraldo. Originalmente feito como livro para crianças, com indiscutível sucesso, se torna sem relevo, numa configuração, digamos, chapada ao ser transposto para CD-ROM: a questão toda está em que é fundamental *criarem-se* obras já nessa multilinguagem, sem o que os resultados continuarão deixando a desejar. Por exemplo, o vídeoclipe *Nome*, de Arnaldo Antunes, avança na utilização e integração de recursos multimídia em seu processo de criação.¹⁶

Estamos portanto diante de um desafio e uma imensidão de possibilidades para os criadores *sem fronteiras*, os que, dominando a tecnologia, ultrapassem as limitações das linguagens específicas, em busca de formas múltiplas de expressão. Mas ainda faltam programadores-leitores que explorem uma característica básica da multimídia e que tem tudo a ver com a formação do leitor efetivo: a abertura para a livre criação de percursos de leituras, com o auxílio sincronizado de informações gráficas, textuais, sonoras e pictóricas em inusitadas configurações e dinâmica, sejam apresentados por meio de um monitor de vídeo, sejam projetados em cena, interagindo com figuras e espaços não digitalizados. Enfim, curiosidade e ousadia são requisitos básicos para navegar nessas ondas, sem medo de mergulhar e sem se afogar na parafernália.

LINGUAGENS ENTRECRUZADAS, LEITURAS ABRANGENTES

Em face do exposto, creio que uma visão ampla e desapaixonada da cultura popular e do universo das novas tecnologias levaria a entender especificidades de cada uma, inclusive podendo-se perceber características complementares entre elas e suas relações com a realidade objetiva e o imaginário brasileiros. As manifestações artísticas vêm crescentemente buscando nessa *fusão* novas possibilidades expressivas. Essa perspectiva favoreceria o conhecimento de quanto e como tais culturas interessam, ensinam e divertem cada uma a seu modo - e interagindo. Independentemente da escola.

As instituições educacionais terão que encarar isso, revendo sua subestima por linguagens não-verbais, reequacionando a seleção e abordagem de textos, planejando a utilização da multimídia, pois é comum servirem-se desses recursos como *expedientes aliciadores*, sem na verdade valorizarem-nos. Até porque se a escola persistir em sua postura convencional, provocará maior distanciamento com a própria linguagem verbal, com os livros. Afinal, a conquista da palavra escrita, pela redação de texto e pela leitura, se realiza como processo que envolve todas as coisas que estão no mundo... e algo mais.

A chamada terceira revolução tecnológica, impulsionada pela telemática, pela microeletrônica, ao instaurar o mundo digitalizado, transforma noções de tempo e espaço, potencializando a dinâmica da leitura e lançando-a para horizontes ainda inexpugnáveis, disseminando-a e aumentando possibilidades de sua compreensão e apropriação. Não obstante, nesse mesmo contexto, ainda existem concepções anacrônicas como a separação estanque entre erudito e popular, arte e tecnologia obscurecendo o processo educacional. Essas posturas se interpõem à apreciação de expressões formais e simbólicas além da palavra escrita e a diferentes modos de lê-las. Mais: apequenam a própria linguagem verbal. Pois uma visão padronizada não pode favorecer qualquer leitura, desde primordiais e singelos frutos da cultura popular aos mais aprimorados produtos do avanço eletrônico, passando pelo mistificado objeto-livro.

Nós, mediadores de leitura, até agora não aprendemos a construir as pontes necessárias para estabelecerem-se relações significativas e imprescindíveis

a fim de que nosso trabalho *ainda* faça sentido, para nós e para os alunos, neste final de milênio. Daí muitos sentirmo-nos mais ameaçados do que auxiliados pela tecnologia. E se isso ocorre com intelectuais, o que se poderá esperar da paradoxal categoria dos professores iletrados, dos professores leigos espalhados por todo o país?

Além dessas persistentes discrepâncias - e talvez em decorrência delas -, no meio educacional, a *falta* de leitura de textos escritos preocupa muito mais que a indagação *do que, como e de quando* ela acontece, pois alguma leitura sempre acontece, mesmo não sendo a preconizada pela instituição e a revelada pelo leitor. Sem dúvida perduram as dificuldades na compreensão de aspectos intrínsecos da leitura, pois pouco se sabe sobre o seu efetivo processamento na mente humana, embora as ciências do conhecimento se empenhem para desvendar a incógnita do metabolismo das circunstâncias externas e da subjetividade do leitor ao ler quaisquer linguagens.

A meu ver, tais contingências deveriam antes incentivar as buscas do que reforçar a acomodação. Entretanto, posturas *estabelecidas* persistem. E se tornam mais discutíveis em se tratando de uma sociedade como a brasileira, na qual se registra a "pior educação básica e o maior contingente relativo de analfabetos funcionais" dentre 129 países pesquisados pelo Unicef.¹⁷ As estatísticas mais recentes dão conta de que, em 1995, o Brasil tinha 45 milhões de analfabetos funcionais, com 10 ou mais anos de idade.¹⁸ Dados esses, aliás, coerentes com o fato de termos uma das mais mofinas distribuições de renda do mundo. Apesar dessas constatações, poucas instituições brasileiras, de ensino e de pesquisa, consideram e menos ainda estudam expressões que subvertem concepções monolíticas do que seja linguagem, seus processos constitutivos, ampliando o âmbito de leituras, reorientando procedimentos para a sua realização e compreensão, os quais podem beneficiar o aprendizado efetivo da própria escrita. Não raro esse trabalho fica restrito a experiências alternativas, extra-escolares, fora da academia.

Minha própria trajetória profissional levou-me a perceber que a tão lamentada carência de leitores está muito ligada a preconceitos. A ênfase na

ausência de leitura revela um equívoco de perspectiva. Isso me parece relacionado com o subdesenvolvimento brasileiro, nossas decepções políticas e econômicas, com um mal confessado sentimento de inferioridade sócio-histórico e cultural diante do mundo da palavra escrita, do Primeiro Mundo. Como na lei de oferta e procura, a carência estimularia a supervalorização do universo letrado e das manifestações abalizadas por ele. Mas estas sofrem a *concorrência* inevitável das atrações do universo das múltiplas linguagens além da escrita, seja da cultura popular, seja da cultura informatizada. Ironicamente, no Brasil, *ainda* somos iletrados; na França, há queixas de crescente "*iletrismo*" (estariam *deixando* de ler textos escritos): linguagens não-verbais *globalizariam* a cultura iletrada?

Da mesma forma que rejeitam expressões da cultura popular, muitos literatos fazem restrições a recursos da informática, quando sons e imagens em movimento e a própria volatilidade, fluidez da *escrita digitalizada* tornam a palavra simultaneamente vazada, encorpada, fugidia, *desestabilizando* o texto. Tanto num caso como noutro presumivelmente há desconfiança de possível perda da soberania (soberba?) da escrita. Evidente que o problema não é de risco para a palavra impressa. Mas se relaciona, por um lado, com a realidade de o código lingüístico ser dos mais difíceis de dominar e, por outro, com persistentes dificuldades em reconhecermos e valorizarmos a convivência de múltiplas linguagens que se apresentam hoje, seja no âmbito universo pré-gutemberguiano seja como no digitalizado.

Os apegados às letras como os que delas prescindem, uns e outros, somos mistificadores da palavra, em especial, da impressa. Apesar de letrados, iletrados e analfabetos - cada segmento a seu modo - vivenciarmos isso diferentemente. Mas se há em comum a mistificação da/pela palavra escrita, é também indubitável que a apreciação e o aproveitamento de sons e figuras em movimento, desde as manifestações mais rudimentares às que a eletrônica permite, são um fato consumado na vida da grande maioria da população.

Valorizar o entrelaçamento de várias formas de expressão, além de uma exigência do mundo em que vivemos, contribui para pensar a intersecção de linguagens verbais e não-verbais, o que me parece fundamental numa

sociedade que permanece iletrada, enquanto é tomada pelas novas tecnologias. Uma provocação à sensibilidade e inteligência, tanto para resgatar nossas expressões mais genuínas e simples, como para conquistar a tecnologia de ponta.

Abrir, então, as portas das escolas para a cultura popular e para a multimídia, absolutamente não pode significar o desabono do texto escrito e de suas exigências. Seria desnecessário sublinhar isso, mas no caso do sistema educacional brasileiro, há certa ingenuidade quando se aproxima desses dois trunfos: geralmente se equivoca quanto ao potencial deles para qualificar a leitura e sua mediação, tratando-os ora como manifestações frívolas, ora como matéria curricular. Quando acontece de trazê-los para o ambiente escolar, não raro, constata-se a transformação do espaço do ensino e da aprendizagem numa *feira* - de São João ou de joguinhos eletrônicos. Observe-se que ocorre algo semelhante com a questão do alardeado *prazer da leitura*, tornado sinônimo de gratuidade, escamoteando-se o empenho do leitor para conquistar o que lê.

Em face disso, entendo que, antes de se dispor a aprender e a de ensinar *como* ler o universo da cultura popular e o da multimídia, o mediador precisaria se perguntar que sentido elas fazem para ele próprio, *por que e para que* trazê-las para sua área de atuação. Pois a rusticidade, a expressão artesanal, as experiências intuitivas, bem como a sofisticação tecnológica, o alcance rápido e abrangente da informação e de artifícios lúdicos, *em si mesmos*, não justificam a presença do popular e da informática como recursos favorecedores na formação do leitor.

Imagine-se quão promissora seria uma mediação de leitura que pudesse captar elos entre cultura popular e multimídia, tais como o fato de ambas incorporarem múltiplas linguagens, de mobilizarem intuição e intelecto num processo interagente, de incentivarem/provocarem a participação do leitor, de oferecerem perspectivas diferenciadas e complementares da realidade social e cultural, propiciando modos de criar e ler plurifacetados. Se conseguíssemos apreender de modo conseqüente esses tantos aspectos só teríamos a ganhar. Quem sabe a cultura popular e a informatizada - integradas pelo leitor -

permitam modalizar nossa maneira de ler a realidade contemporânea, enquanto auxiliam na valorização do patrimônio cultural brasileiro, com suas diversas heranças, e nos predisponham para tempos futuros.

NOTAS

- ¹ O PROLER, sediado na Casa da Leitura (RJ), foi concebido por Eliana Yunes e coordenado por Francisco Gregório Filho até 1996. Está sediado na Casa da Leitura (RJ). Maiores dados a respeito encontram-se em "Aprender e ler".
- ² O Módulo Literatura Brasileira, coordenado por Luis Camargo, foi implantado em 1993 com o setor Poesia, atualmente está em processo de implantação o setor Ficção. Cf. "Palavra e imagem: um diálogo, uma provocação", no qual apresentam-se detalhes desse trabalho.
- ³ ROSA, João Guimarães. "Fita Verde no Cabelo" (Nova velha estória). In: *Ave, palavra*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1970, p. 72
- ⁴ CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Lisboa, DIFEL/Bertrand Brasil, 1990, p. 567
- ⁵ VELOSO, Caetano e GIL, Gilberto. "Haiti", 1993.
- ⁶ Exemplo de ruptura com os padrões usuais na academia em face dos meios de comunicação de massa encontra-se no trabalho da professora Maria Aparecida Baccega (Eca-USP, com a pesquisa "Ficção e realidade: a telenovela no Brasil, o Brasil na telenovela".
- ⁷ "Em que medida as nossas falas eruditas, nossas reduplicações, a redução à mesmice do nosso mundo - reenquadrando nos nossos parâmetros aquilo que vemos, estando de fora -, essa coisa de fora refalada no nosso discurso, talvez não mais retórico, mas 'científico', em que medida nossa produção erudita em

cima do popular, por mais empatia que alcance, consegue ser uma ponte para a mudança.?" Estudos dos mais significativos sobre essas questões têm sido desenvolvidos por Marlise Meyer, dos quais seu ensaio "Um eterno retorno: as descobertas do Brasil" é exemplar (In: MEYER, Marlise. *Caminhos do imaginário no Brasil*. São Paulo, EDUSP, 1993, p. 40.).

⁸ Id. Ibid. p. 44.

⁹ McLuhan, M. *Os Meios de Comunicação - como extensões do homem*. São Paulo, Cultrix, 1969, p. 18.

¹⁰ "Em seu sentido mais lato, o termo 'multimídia' se refere à apresentação ou recuperação de informações que se faz, com o auxílio de computador, de maneira multissensorial, integrada, intuitiva e interativa." Multimídia se encaixaria nos chamados recursos audiovisuais, acrescentando-lhes porém "uma dimensão tátil", através do toque na tela ou através do mouse. CHAVES, Eduardo O.C. *Multimídia - conceituação, aplicações e tecnologia*. Campinas, People Computação, 1991.

¹¹ O Projeto "Escola do Futuro" da USP, coordenado pelo professor Frederic Machael Litto, utilizando a informática no ensino e aprendizagem, desenvolve programas específicos de capacitação para educadores em várias áreas de conhecimento e propicia o intercâmbio de informações entre estudantes, via Internet, envolvendo hoje mais de 3.000 alunos de escolas brasileiras se comunicando entre si e com estudantes de vários países estrangeiros. Confira-se na Internet: <http://www.futuro.usp.org.br>.

¹² A propósito, o conhecimento de computação para colocações no mercado de trabalho urbano brasileiro, mesmo em empregos de nível médio, está se tornando imprescindível: mais uma evidência das discrepâncias entre a escola e a nossa realidade.

- ¹³ Id. Ibid. Cf. o tópico Educação, no capítulo "As Aplicações".
- ¹⁴ O Notícia se o lançamento de um programa - "Biblos", por exemplo, - apresentando obras obrigatórias para os vestibulares organizados pela FUVEST em 1997. Trata-se de versão para computador dos conhecidos resumos de cursinhos, acrescidos de estudo sobre as obras e propostas de *exercícios interativos*. Parece estar nessa interatividade o *plus* que o "Biblos" oferece. Mas é insuficiente para os afoitos vestibulandos que já navegam na Internet.
- ¹⁵ Uma mostra do potencial da multimídia aplicada à formação do leitor da literatura e de seu encaminhamento aos livros encontra-se no trabalho de Fábio Nemetz, um CD-ROM sobre escritores gaúchos (Porto Alegre, Instituto de Informática, UFRGS).
- ¹⁶ Cf. ZIRALDO. *Flicts*. Campinas. People Computação/ Melhoramentos/ Sony Music CD-ROM, s/d. ANTUNES, Arnaldo. *Nome*. São Paulo, Kikcel, 1993.
- ¹⁷ Dados de relatório da ONU, a partir de levantamento do Unicef (*Folha de São Paulo*, São Paulo, 31/7/94, Especial A-1).
- ¹⁸ Segundo Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD). Levantamento anual feito pelo IBGE (*Folha de São Paulo*, São Paulo, 06/09/96).